

Ouçã a terapia do som que faz bem: Uma análise do fenômeno BaianaSystem sob a ótica das Teorias da Comunicação¹

Victória Araújo Lago SILVA²

Marcelo Sousa LIRA³

Julia Miranda Jesus ALTAHYDE⁴

Gustavo Mamede LUNA⁵

Mariana Menezes ALCÂNTARA⁶

Universidade Salvador, Salvador, BA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo a análise do fenômeno cultural e midiático da banda BaianaSystem sob a ótica das Teorias da Comunicação. As análises foram embasadas nas Teorias Crítica e Culturológica. Posteriormente, foi utilizado o conceito de Tribos Urbanas, cunhado por Michel Maffesoli, para compreender como o grupo, através de seu discurso, alavancou sucesso junto ao público com suas músicas de crítica social, resignificando os símbolos da cultura baiana através da música e da estética visual por trás do movimento. O estudo revela que as teorias da comunicação utilizadas para a análise têm uma relevância significativa para compreender este fenômeno.

¹ Trabalho apresentado na IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Estudante de Graduação do 2º semestre do Curso de Comunicação e Marketing da Universidade Salvador (UNIFACS), e-mail: toarago@gmail.com.

³ Estudante de Graduação do 2º semestre do Curso de Comunicação e Marketing da Universidade Salvador (UNIFACS), e-mail: mlira042@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação do 2º semestre do Curso de Comunicação e Marketing da Universidade Salvador (UNIFACS), e-mail: jujualthyde@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação do 2º semestre do Curso de Comunicação e Marketing da Universidade Salvador (UNIFACS), e-mail: gustavomamedeluna@gmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Comunicação e Marketing da Universidade Salvador (UNIFACS), e-mail: mariana.alcantara@unifacs.br.

PALAVRAS-CHAVE: baianasystem; teorias da comunicação; teoria crítica; teoria culturoológica; Tribos Urbanas.

1. INTRODUÇÃO

Como a maioria das formas de arte, a música passou por um processo de capitalização intenso a partir do século XX. Desde antes da invenção do fonógrafo, em 1877, a venda de partituras já gerava lucro – e o processo se intensificou exponencialmente com o advento de tecnologias como o gramofone e o disco de vinil. Isso deu significância e tamanho ao fenômeno que, ao curso do século, tomou corpo e definiu-se como um dos principais elementos da sociedade moderna: a música popular.

Anteriormente, a música erudita ou clássica dividia espaço na sociedade com a música tradicional ou folclórica. A primeira, segundo o Dicionário Grove de Música, é fruto da erudição e do estudo técnico, enquanto a segunda tem suas raízes nas tradições culturais de transmissão principalmente oral. Com as operetas e músicas de espetáculo no início do século XX, nascia algo diferente: música que era produzida com o intuito principal de entreter o público e gerar lucro.

O próximo grande passo foi, como já mencionado, o advento da reprodutibilidade. Com a possibilidade de gravar música para disseminá-la mesmo entre os lares desprovidos de educação musical formal, a música popular quebrou barreiras que nem a erudita ou a folclórica haviam conseguido antes. Se espalhando vorazmente pelo mundo, a música passou a evoluir mais rápido – novos estilos musicais nasciam a cada década, impulsionados não somente pela popularização da música em si, mas também por mais um elemento importante: sua rentabilidade.

A associação da música ao lucro é uma velha conhecida dos apreciadores da dita alta cultura. Segundo eles, ao restringir a produção musical às amarras do que gera lucro ou não, perde-se liberdade criativa e conseqüentemente qualidade e possibilidades de inovação. Limita-se a produzir o que as pessoas comprem – e consumo está muito mais

relacionado a conforto do que a reflexão e técnica, conceitos basilares da música erudita.

O que as pessoas compram? Uma análise das canções populares pode nos levar a uma hipótese razoável: estrutura, repetição e emoções. Do jazz dos anos 40, passando pelo samba, o rock e culminando na apoteose desses três fatores, o pop, a música popular apela em graus variados a diversas emoções do interlocutor de forma mais objetiva do que nas nuances sonoras da música clássica.

A estrutura, normalmente dividida entre estrofe, ponte e refrão, quase sempre é dotada de repetição e divisão em pequenas unidades. Esse padrão, intrínseco a todos os estilos e gêneros da música popular, repetiu-se ao longo das muitas décadas de exposição do público a música. Como consequência, o público passou a esperar algo. Existe uma expectativa do convencional tão grande que, especialmente na cultura de massa, a complexidade da composição tende a ser baixíssima, gerando canções extremamente parecidas que explodem como sucessos entre seus consumidores ano após ano, apesar de sua similaridade.

No entanto, o cenário não é desprovido de experimentalismo. No Brasil e no mundo, a Bossa Nova é um dos maiores exemplos de inovação na música popular – com seus acordes complexos e às vezes dissonantes, o estilo trouxe um pouco de erudito e um pouco de folclórico e fez-se extremamente popular nas vozes de Chico Buarque, Gal Costa, Tom Jobim, Caetano Veloso, Gilberto Gil e muitos outros.

Recentemente, a MPB vem passando por um processo experimental que gera estilos de fusão de maior complexidade e retendo apelo ao público. São artistas como Cícero, Tulipa Ruiz, Céu, Johnny Hooker e BaianaSystem, este último o tema desse trabalho.

2. O FENÔMENO BAIANASYSTEM

Nascido em Salvador, capital da Bahia, o grupo BaianaSystem deriva seu nome da junção dos termos “Guitarra Baiana” e “Sound System”. Guitarra baiana é um instrumento que caracteriza o nascimento do carnaval soteropolitano, e sound system é

um estilo de exibição musical vindo da Jamaica, com grandes paredões de som tocando principalmente reggae mixado por DJ's.

A heterogeneidade do nome se reflete na estrutura das composições do grupo, que mescla desde os gêneros tradicionais latinos e africanos aos mais modernos como rap, hip hop e bahia bass.

O grupo formado em 2009 pela voz de Russo Passapusso, guitarra baiana de Roberto Barreto, baixo de Marcelo Seco e identidade visual de Filipe Cartaxo já possui dois discos lançados e seu alcance entre o público e vem crescendo sem parar, roubando a cena em festivais renomados como o Rock in Rio Lollapalooza. Dessa forma, os mesmos chamam a atenção de muitos críticos e personalidades da música.

Aclamado como um dos melhores shows do Rock in Rio 2017 pelo Jornalista carioca Mauro Ferreira, o grupo arrasta multidões por onde passa. BaianaSystem ganhou matérias de destaque em veículos de comunicação importantes como Rolling Stone e G1, obtendo muito prestígio pelo seu último álbum lançado intitulado “Duas Cidades”, eleito pelo ranking do jornal Estadão como o melhor disco do ano, e também vencedor do prêmio multishow de melhor disco.

Em entrevista ao jornalista Daniel Tamenpi, autor do blog “Só pedrada musical”, Roberto Barreto explica o nome dado ao último trabalho do grupo como uma referência às duas partes de Salvador, que se distinguem completamente em aspectos sociais e econômicos, caracterizando uma cidade marcada por diversidade e mistura.

É dessa forma que o BaianaSystem dialoga com as “duas cidades”. Através da crítica social que é fortemente retratada em suas músicas, o grupo gera reflexão, impacto, provocação e passeia entre as multífaces do Brasil 2017, manifestando dilemas da contemporaneidade.

Além da sonoridade envolvente e crítica social assídua, a identidade visual do grupo assumida por Filipe Cartaxo tem notável importância para a peculiaridade do BaianaSystem. O artista plástico ressignifica símbolos da cultura Baiana e contextualiza imagem e música. Famosas máscaras caretas, inspiradas por personagens do carnaval local, são usadas pelos músicos e distribuídas ao público em todos os shows. O grupo

também utiliza azul e branco como cores que remetem a uma herança cultural da comemoração do dia de Iemanjá e pintura das casas do interior. Com a junção desses elementos, BaianaSystem conseguiu se consolidar também por sua comunicação visual.

3. PANORAMA DAS TEORIAS CRÍTICA E CULTUROLÓGICA

3.1 TEORIA CRÍTICA

A Teoria Crítica teve como berço a Escola de Frankfurt, que foi formada por intelectuais de diversas áreas. Tinha como característica-chave a interdisciplinaridade no campo dos estudos sociais. Os principais pensadores de tal escola foram Walter Benjamin (1892-1940), Max Horkheimer (1895-1973), Herbert Marcuse (1898-1979) e Theodor W. Adorno (1903-1969).

Em 1937, Max Horkheimer publicou um ensaio-manifesto intitulado “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, que representou o pontapé inicial para o desenvolvimento da Teoria Crítica. A partir deste trabalho, diversos membros da Escola de Frankfurt teorizaram sobre tal Teoria. Horkheimer introduziu uma nova linha teórica, na qual estavam presentes os pensamentos de Karl Marx associados aos estudos de Freud. Havia a ideia central de “barbárie cultural”:

Agentes da “barbárie cultural”, os meios de comunicação seriam veículos propagadores de ideologias próprias às “classes dominantes”, impondo-as às classes populares (subalternas) pela persuasão ou pela pura e simples manipulação. (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 111).

Na mesma linha do tempo, Freud havia desenvolvido a teoria do inconsciente, das neuroses e fundou a base para o estudo do comportamento irracional, o que foi utilizado pelos pensadores da Escola de Frankfurt.

A motivação para a criação da Teoria Crítica foi a busca pela compreensão de um mundo pós-guerras no qual havia um número crescente de meios de comunicação e da industrialização da cultura. A indústria cultural fixa de maneira exemplar a derrocada da cultura, sua queda na mercadoria. A transformação do ato cultural em valor suprime sua função crítica e nele dissolve os traços de uma experiência autêntica (MATTELART, 2001, p. 78).

3.2 TEORIA CULTUROLÓGICA

Criada na França em 1960 e tendo um de seus principais pensadores Edgar Morin, a Teoria Culturológica tem como característica fundamental o estudo da cultura de massa e foi criada a partir de uma análise da Teoria Crítica, que tem a mídia como meio de alienação das massas. O resultado esperado é a definição de uma nova forma de cultura na sociedade contemporânea.

Pesquisas realizadas pelos fundadores da teoria deram nascimento à ideia de sincretismo, que é a união do real com o imaginário, como base estrutural da cultura de massa. Ela é vista como uma constante criação de mídia que se adequa aos desejos do público, massificando-os assim através de uma imagem que acaba gerando identificação do consumidor.

Essa homogeneização atende a uma demanda dupla, a padronização industrial exigida pela produção artística e a exigência por individualização por parte do consumidor. O verdadeiro problema é o da dialética que existe entre o sistema de produção cultural e as necessidades culturais dos consumidores (MORIN, 1962, p. 40). Segundo Morin, não é a mídia que cria uma padronização cultural, ela se fundamenta em uma já existente na sociedade.

4. A BAIANASYSTEM SOB A ÓTICA DAS TEORIAS DA COMUNICAÇÃO

4.1 BAIANASYSTEM E A TEORIA CRÍTICA

BaianaSystem é uma mistura de ritmos, instrumentos musicais, ideias e ideologias. O próprio cantor e fundador da banda, Russo Passapusso, não a define como banda, mas como “quatro cabeças pensantes a serviço da arte dançante”. (O GLOBO, 2017). Pode-se afirmar que a BaianaSystem possui mensagens ideológicas fortes presentes em suas músicas, a exemplo de “Duas Cidades”, onde pode-se enxergar a ideia da divisão de classes e desigualdade social, própria das ideias marxistas:

Todo dia acorda cedo pro trabalho

Bota seu cordão de alho

E segue firme pra batalha

Olho por olho

Dente por dente

Espalha

Lei da Babilônia é diferente

(...) Divi-divi- divi-dividir salvador. Diz em que cidade você se encaixa. Cidade alta ou cidade baixa. (...)

Na música “Lucro”, pode-se enxergar a crítica social relacionada à busca desenfreada do capital pela classe dominante em detrimento do bem-estar da sociedade, em especial às classes mais desfavorecidas.

Tire as construções da minha praia

Não consigo respirar

As meninas de mini saia

Não conseguem respirar

Especulação imobiliária

E o petróleo em alto mar

Subiu o prédio eu ouço vaia (...)

Ao mesmo tempo em que a BaianaSystem difunde um discurso fortemente carregado de críticas sociais, ela o faz apropriando-se de ritmos e melodias populares, utilizando-se da repetição e de formas musicais “de massa”.

Segundo Adorno,

(...) se desde o tempo da noética grega a função disciplinadora da música foi considerada um bem supremo e como tal se manteve em nossos dias, certamente mais do que em qualquer outra época histórica, todos tendem a obedecer cegamente à moda musical, como aliás acontece igualmente em outros setores. (...) ADORNO apud ARANTES, 1999, p.65.

A BaianaSystem apropria-se dos movimentos musicais “de massa”, cria uma identidade própria a partir das misturas dos ritmos citados na introdução do presente artigo para então espalhar sua assinatura visual, sonora e ideológica.

A banda tem alcançado públicos expressivos de diferentes classes, etnias e tribos, tanto nacionalmente quanto internacionalmente, o que demonstra a relevância desse movimento crítico para a contemporaneidade.

4.2 BAIANASYSTEM E A TEORIA CULTUROLÓGICA

O grupo BaianaSystem traz uma nova era de sonoridade para o público. Através de uma diversidade de estilos musicais e uma forte identidade visual, a banda tem conquistado espaço no cenário nacional.

Suas músicas possuem um alto teor de crítica social. A banda se propõe a ter um forte posicionamento sócio-político e mesmo assim atingir uma plateia diversificada. Através da "identidade" BaianaSystem, eles fazem com que uma platéia mais ampla consiga se identificar com suas músicas e enxergar o grupo como algo mais que uma banda, e sim um movimento multicultural.

Ao analisar o "movimento BaianaSystem", é possível perceber que padrões vigentes acerca de cultura musical buscam ser quebrados e, a partir desse rompimento, existe uma visível unificação de classes, culturas, etnias e religiões diferentes na apreciação de sua arte, o que pode ser relacionado com a citação de Morin:

A cultura de massa é uma cultura: ela constitui um corpo de símbolos, mitos e imagens concernentes à vida prática e a à vida imaginária, um sistema de projeções e de identificações específicas. Ela se acrescenta à cultura nacional, à cultura humanista, à cultura religiosa, e, por fim, entra em concorrência com estas culturas. MORIN, 1967, p.18.

A reprodução de arte, foi, antes, muito criticada pelos autores da teoria crítica e estudada pela teoria culturológica. Nesta última, a ideia de diferenciação entre MidCult e MassCult é posta em questionamento pelo movimento. Dessa maneira, a cultura não mais é vista como algo agradável apenas para classes sociais dominantes e sim algo que deve ser acessível a todos os níveis sociais, incluindo suas bases.

A propagação da música, vista como música/cultura de massas, para o "alto escalão" social rompe barreiras, não só socialmente, mas culturalmente, fazendo com

que possa existir uma maior riqueza de sons, ritmos, além de uma maior diversificação de público e união de grupos e tribos, como citado no tópico abaixo.

5. MICHEL MAFFESOLI E AS TRIBOS DO BAIANA SYSTEM

Durante o período de estudo do comportamento humano, as tribos e os grupos sociais já foram identificados diversas vezes. Seguindo esta premissa, sempre que há contato social, há um conjunto de pessoas que se diferenciam de outros.

Existe um conceito de Tribos Urbanas que diz que são pequenos grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios, ideais, gostos musicais e/ou estéticos. A partir das teorias de Maffesoli, é possível afirmar que, a grande evolução dos meios de comunicação, tecnológico e globalização deram peso e substância ao estilo, existe uma teoria que defende que, em tribos, o “eu’ se molda, assim, para fazer parte do nós”.

Maffesoli também fala que "estamos notando em vários lugares uma certa desafeição pelas grandes instituições sociais, como os partidos políticos e os sindicatos”. Por exemplo, para compreender esse fenômeno, em cidades grandes como o Rio ou São Paulo, as pessoas estão se reagrupando em microtribos e buscando novas formas de solidariedade, que não são encontrados necessariamente nas grandes instituições sociais habituais.

Os jovens podem mudar de tribo e comportamento variando de um lugar a outro, a depender de informações retiradas do cenário de atuação, e é desta forma que podemos encaixar o movimento BaianaSystem com as teorias de Michel Maffesoli. O grupo se tornou um fenômeno na Bahia, não só pelo seu som, mas pela forma com que conseguiu unir um público diversificado, multicultural. Ao analisar o público do BaianaSystem, não conseguimos encontrar um padrão de classe social, cor ou região que habita. Subtende-se que até gosto musical é algo que se diferencia entre o público do grupo.

BaianaSystem foi um grupo que conheceu o carnaval segregacionista, através da experiência do vocalista Russo, de discriminação, e que, hoje em dia, quebra todos os

paradigmas impostos, unindo pessoas de diversos grupos sociais, fazendo com que seu público seja uma grande tribo movida pelo mesmo propósito. Essa inclusão de diferentes grupos sociais é evidenciada a partir do momento em que o movimento BaianaSystem se espalhou para o sudeste do Brasil, obtendo sucesso e aceitação de grupos das classes A e B que frequentam os festivais Rock in Rio e Loolapalooza.

Um fator essencial para a miscigenação de agrupamentos e tribos do grupo musical são suas icônicas máscaras. Assim, muito mais do que uma arte visual, as máscaras do BaianaSystem representam essa mistura tribal que existe no movimento. Parafraseando o vocalista da banda, Russo Passapuss, “a máscara é elo que tira a propriedade”. A partir disso, é possível analisar que a máscara serve como um adereço, uma alegoria, que se encaixa perfeitamente com o perfil do público da banda. A máscara unifica o público. Independente de onde a pessoa vem, de sua classe social ou de suas preferências musicais, todos usam as mesmas máscaras. Por trás delas não existe cor, não existe dinheiro, existe apenas um grupo de pessoas unidos pelo mesmo propósito, unidos pelo mesmo movimento, que é a grande tribo do BaianaSystem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível perceber uma correlação clara entre o fenômeno midiático e culturológico da BaianaSystem com as Teorias da Comunicação engendradas na Escola de Frankfurt.

A Teoria Crítica traz luz sobre a industrialização da cultura, a reprodutibilidade e a ideia de cultura de massa. Seus pensadores foram severos críticos da reprodutibilidade técnica e determinaram que a cultura age em prol da classe dominante, muito distante do que o grupo deseja mostrar e disseminar.

A BaianaSystem busca unificar elementos sonoros da cultura de massa e ao mesmo tempo procura criticar de forma dura a classe dominante, fazendo com que seu discurso tenha uma grande aceitação do público.

A Teoria Culturológica permite afirmar que tal expressão torna-se realidade na BaianaSystem porque já encontrava-se latente no imaginário popular e que toda a cultura é a união entre o real e o imaginário. O real é a luta de classes sociais que sofre a

cidade de Salvador, o imaginário, a união de toda a população, independente de classe, crença ou grupos sociais.

Através do conceito de tribos urbanas, termo cunhado pelo pensador Michel Maffesoli, que caracteriza a associação de pessoas em grupos sociais e a formulação de diferentes tribos modernas, demonstra que a BaianaSystem não só identifica, como também une as distintas tribos sociais que surgem em sociedades.

O panorama atual do movimento BaianaSystem é um tanto distinto da sua fase inicial. É possível perceber nos dias atuais uma composição preponderante de fãs das classes A e B. Essa mudança de panorama tem refletido nos ingressos para os shows da banda, cada vez mais com custo elevado. Nesse contexto, seus ideais críticos perdem força e a Teoria Crítica, nesse caso, acerta quando conclui que a cultura age em prol da classe dominante: BaianaSystem aos poucos perde sua proposta inicial de construir um movimento das massas e estreita seu público-alvo.

REFERÊNCIAS

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2009.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

ADORNO, Theodor Wiesengrund. O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição.

In: **Os Pensadores** – Theodor W. Adorno. Textos Escolhidos. Tradução de Luiz João Baraúna, revista por João Marcos Coelho. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

"BNEGRON". BaianaSystem: música em movimento. Disponível em: <<http://www.baianasystem.com>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

BRÊDA, Lucas. Rock in Rio: Baiana System provou como é possível ser contagiante sem ser convencional. UOL. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/rock-rio-baiana-system-provou-como-e-possivel-ser-contagiante-sem-ser-convencional/>>. Acesso em: 14 nov. 2017.

